



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXVI SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2022

OS LUGARES QUE CONTAM HISTÓRIAS E RESGATAM A MEMÓRIA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA MATINHA DOS PRETOS

Yuri Caetano do Carmo¹; Emmanuel Oguri Freitas²

1. Bolsista PROBIC-UEFS, Graduando em Licenciatura em História, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: contato.yuricaetano@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: emmanuel.of@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Quilombo. Matinha dos Pretos.

INTRODUÇÃO

Com o fim da escravidão *de jure* ocorrido no março de 1888, fortaleceu-se a tentativa de se escrever a história do Brasil a partir dos grandes heróis da “descoberta” e, conseqüentemente, apagou-se dos grandes debates públicos e acadêmicos a necessidade de uma ampla discussão do processo de escravidão e de suas marcas na história nacional. Com isso, ocorreu um processo perverso de apagamento de vários elementos que fundaram a nação, uma dessas vítimas do esquecimento foram os quilombos e as comunidades que surgiram a partir dessas organizações sociais, – posteriormente denominadas como comunidades remanescentes de quilombos – assim como de seu povo: os quilombolas.

As comunidades remanescentes de quilombo são onde encontramos os vestígios mais vivos da escravidão no Brasil. Em suma, trata-se de locais que abrigam os descendentes mais imediatos daqueles que, no passado, formaram os quilombos. Nessas comunidades, é possível perceber toda uma trajetória própria de formação histórica, assim como notar particularidades culturais muito específicas que denotam a importância desses lugares. Os quilombos contemporâneos, sintetiza Nei Lopes (2001), são “comunidades em que os habitantes se identificam por laços comuns de africanidade, reforçados por relações de parentesco e compadrio” (LOPES, 2011, p. 1174).

Na cidade de Feira de Santana, há algumas comunidades reconhecidas pela Fundação Cultural Palmares como remanescentes de quilombo. Uma delas é a comunidade Matinha dos Pretos, reconhecida e certificada pela Fundação Palmares em 21 de maio de 2014, registrada no Livro de Cadastro Geral n.º 016, Registro n.2.048, fl.067 - processo nº01420.001376/2014-67 (BRASIL, 2014).

Ao definir os lugares da memória como pertencentes “a dois domínios [...] simples e ambíguos, naturais e artificiais”, Pierre Nora (1993, p. 21) nos convidou a pensar sobre esses espaços onde as pessoas depositam suas memórias ou em que suas memórias ficam depositadas. Nesse sentido, compreendemos os lugares da memória enquanto espaços basilares que mediam a relação entre memória e sentimento, sendo, por vezes, pano de fundo, às vezes, carro chefe do processo de rememoração da história, se estabelecendo como elemento de presença constante na memória coletiva.

A intenção desta pesquisa foi identificar, na comunidade quilombola Matinha dos Pretos, quais são esses lugares da memória e compreender quais são as histórias que eles nos contam, entendendo que esse resgate se faz necessário diante das ameaças constantes que esta vem sofrendo por conta da urbanização unilateral promovida pelo poder público que não considera o território tradicional em suas diversas dimensões.

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA

Tendo em vista o entendimento de que estaria centrada no resgate da memória coletiva, compreendíamos que o elemento central das reflexões deveria ser a oralidade, uma vez que o objetivo principal era fazer a escrita histórica da comunidade quilombola a partir dos quilombolas. Orientados pela percepção de Souza (2016) que diz que a História Oral é:

[...] é uma importante proposta teórico metodológica para discutir a história da escravidão, pois traz a possibilidade de conhecê-la a partir da voz dos próprios sujeitos egressos do cativeiro e seus descendentes, trazendo uma visão da escravidão que não consta nos registros oficiais. Possibilita-nos trilhar através dos indícios que nos dão as memórias dos/as moradores/as das comunidades envolvidas na pesquisa, informações que serviram de guia para as principais descobertas deste trabalho. (SOUZA, 2016, p.48)

Buscamos realizar uma pesquisa que deixasse os quilombolas da comunidade no controle de todo o processo. Nesse sentido, buscou-se fazer o contato com a Associação Cultural Coleirinho da Bahia (ACCB) que já estava pensando em uma proposta do que Hamilton (2006) chama de “processo coletivo de rememoração” (HAMILTON, 2006, p.85) que viria a ser intitulado “Historializando a Matinha: trajetórias do ontem e do hoje” que buscava colocar os anciões da comunidade para dialogar sobre temáticas específicas de maneira descontraída e livre.

Acompanhamos três encontros do projeto da ACCB que posteriormente nos cedeu as gravações e parte de seu acervo para a produção da pesquisa. Encontros aconteceram nos dias 18 de dezembro de 2021 - tendo duração de 4 horas -, 12 de fevereiro de 2022 -tendo duração de 2 horas – e 28 de maio de 2022 – tendo duração de 2 horas. Os encontros foram mediados pelos próprios quilombolas da Matinha e se configuraram como aulas públicas dos anciões da comunidade para os demais membros.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Fazendo o cruzamento entre a oralidade das fontes disponibilizadas pela ACCB com documentações da associação e bibliografias que versam sobre a comunidade quilombola Matinha dos Pretos, conseguimos identificar inúmeros espaços desta natureza que em apenas um ano de pesquisa não conseguiríamos abordar completa e honestamente neste trabalho. Nesse sentido, foi feito o processo cuidadoso de escolha de quais seriam os espaços em que aprofundaríamos o debate para o entendimento maior do que são atualmente, o que foram no passado e seus usos ao longo da história.

Pensamos em selecionar os espaços citados mais frequentemente pelos anciões da comunidade, tentando, assim, compreender o motivo pelo qual esse fenômeno ocorria. Com essa orientação, foram selecionados 7 lugares sendo: 5 com localização geograficamente fixa, tendo endereço único e 2 deles sendo lugares não geograficamente fixos, mas que aparecem na memória coletiva como de importância para a comunidade. Explicado isso, os locais escolhidos foram:

Tabela 1. Lugares da memória da comunidade quilombola Matinha dos Pretos identificados durante a pesquisa.

NOME	BREVE DESCRIÇÃO
O tanque da Matinha	reservatório aquífero cercado por vegetação, utilizado por populares da região para matar a sede de animais e também para a pesca em períodos de seca.
A Praça de São Roque	praça principal da sede Distrito da Matinha e, conseqüentemente, do quilombo Matinha dos Pretos. Utilizada como espaço de lazer e sociabilidade. É o principal local de vida econômica da comunidade, tendo diversos locais de compra e venda, escolas e repartições públicas municipais e federais.
Igreja/Paróquia de São Roque	local de culto religioso católico dedicado ao padroeiro do Distrito da Matinha o santo São Roque. É frequentemente atribuído à essa igreja a gênese do Distrito da Matinha, estando na frente dela o chamado "cruzeiro inicial". Recentemente fora elevada para o status de paróquia, sendo a primeira do Brasil em uma comunidade quilombola.
Centro Social	local não mais existente que a memória coletiva conta ter tido importância basilar para as práticas culturais e de assistencialismo coletivo durante muitos anos, até sua demolição na primeira década do século XXI.
Associação Comunitária de Matinha (ACOMA)	principal articuladora das lutas comunitárias sindicais dos trabalhadores rurais da comunidade, hoje é a associação que tem em sua posse o documento de reconhecimento da Fundação Palmares da comunidade quilombola da Matinha. Funcionam nas dependências da ACOMA a associação, evidentemente, mas também a cooperativa popular de produção de polpas de fruta.
Associação Cultural Coleirinho da Bahia (ACCB)	antigo "barracão" umbandista, é um espaço voltado para a preservação e manutenção das práticas culturais da comunidade quilombola Matinha dos Pretos, sendo hoje a sede da banda de samba de roda Quixabeira da Matinha, mundialmente reconhecida.
O cerrado	espaço hoje tomado por casas e marcas de desenvolvimentismo externo que um dia fora o principal espaço de sociabilidade dos quilombolas da Matinha.
As estradas	locais de locomoção pela comunidade e para fora dela, algumas rústicas, somente sendo terras sem vegetação, outras com infraestrutura de pavimentação, como é o caso da principal. São muitas, principalmente se for levado em consideração os chamados "caminhos".
A roça	locais utilizados para a plantação de diversos gêneros alimentícios que foram e ainda são extremamente relevantes para a subsistência dos povos da região, assim como para práticas de economia popular solidária entre as pessoas.

Fonte: produzido pelo autor

Todos esses espaços (CERTEAU, 1993) aparecem enquanto lugares da memória da comunidade por onde diversas histórias e trajetórias passaram.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao investigarmos os lugares da memória da comunidade, entendemos que há uma necessidade, na grande maioria deles, de reconhecimento do poder público através de iniciativas para a proteção e preservação enquanto patrimônio ambiental e cultural da comunidade. Como resultado, foi produzido um relatório final de pesquisa ampliado

destinado às associações da região com a intenção de fornecer um documento histórico com os registros escritos das reflexões sobre esses lugares e algumas recomendações. Por fim, está em produção uma cartilha educacional sobre essa temática que será encaminhada para a escola da comunidade quilombola, estabelecendo que a preservação desses espaços só acontecerá através de um esforço conjunto dos quilombolas da comunidade e as diversas instâncias do poder público. Além disso, a construção conjunta com a ACCB do “Historializando a Matinha” foi relevante para que houvesse uma reativação cultural no período de menores índices de casos da pandemia de COVID-19 com a realização de diversos eventos de rememoração nos encontros do projeto. É possível dizer, ainda, que o trabalho impulsionado por esta pesquisa será um importante instrumento para a comunidade na defesa de seus espaços, especialmente para o movimento de revitalização do “Tanque da Matinha”, iniciado durante a investigação.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Portaria nº 61, de 20 de maio de 2014. REGISTRAR no Livro de Cadastro Geral nº 16 e CERTIFICAR que, conforme a declaração de Autodefinição e o processo em tramitação na Fundação Cultural Palmares, as comunidades a seguir SE AUTODEFINEM COMO REMANESCENTES DE QUILOMBO. **Diário Oficial da União: FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES**, Brasília, DF: Imprensa Nacional, n. 95, p. 13, 21 mai. 2014.
- GOMES, Flávio dos S. **Mocambos e Quilombos: uma história do campesinato negro no Brasil**. São Paulo, SP: Claroenigma, 2015. Ebook (127 p.).
- LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. 4ª. ed. São Paulo, SP: Selo Negro, 2011. ISBN 978-85-87478-99-3. E-book (1546 p.).
- MOURA, Clóvis. A quilombagem como expressão de protesto radical. *In*: MOURA, Clóvis (org.). **Os quilombos na dinâmica social do Brasil**. Maceió, AL: EDUFAL, 2004. p. 103 - 113. Ebook (380 p.).
- _____. **Os quilombos e a rebelião negra**. 5ª ed. São Paulo, SP: Editoria Brasiliense S. A., 1981. 100 p.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. Tradução de Yara Aun Khoury. Projeto História. São Paulo: PUC-SP, 1993.
- SOUZA, Railma dos Santos. **Memória E História Quilombola: Experiência Negra Em Matinha Dos Pretos E Candeal (Feira De Santana/Ba)**. Orientador: Prof.ª Dr.ª Rosy de Oliveira. 2016. 138 f. Dissertação (mestrado) – Mestrado Profissional Em História Da África, Da Diáspora E Dos Povos Indígenas, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Centro de Artes, Humanidades e Letras, 2016.
- THOMSON, Alistair; FRISCH, Michael; HAMILTON, Paula. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. *In*: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos & Abusos Da História Oral**. 8ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Editora FGV, 2006. cap. 6, p. 65 - 90. ISBN 85-225-8288-5. E-book (308 p.).